

DUELO FARRAPO

Alcy José de Vargas Cheuiche

Bento Gonçalves sereno
 Saudou Onofre com a espada
 E logo então foi travada
 Às margens do Sarandi
 Uma luta Guarani
 Em velho estilo de França
 Que cerrou na mesma trança
 Guerreiros de grande porte
 Olhando de frente a morte
 Que entre os dois se balança.

Onofre, um touro furioso,
 Cobrindo o lombo da terra
 Um Coronel que na guerra
 Fez curso de ferro e fogo
 Fôra arrastado no jogo
 Da política atual
 Ofendendo o General
 Cuja honra imaculada
 Foi bandeira desfraldada
 No campo meridional.

Entre homens de tal fibra
 O sangue lavava a ofensa
 Estribados nessa crença
 Se vieram ao campo aberto
 Para que premiasse, o certo.
 E castigasse o errado
 O destino co culpado
 Ou a destreza no braço
 Num entre choque de aço
 E de ódio acumulado.

O pampa perdeu a fala
 O silêncio foi completo
 O céu, um imenso teto,
 E a coxilha, uma campa,
 Emoldurada em estampa
 De verde, azul rebuscado,
 Ante o duelo abarbarado
 De tanto porte e grandeza
 Que a própria mãe natureza
 Ficou de bico calado.

Esbelho e fino de corpo
 Um “Dartagnan” do Rio Grande
 Bento Gonçalves se expande
 Num estilo de peleia
 Sem rédeas e sem maneia
 Envolvendo o contendor
 Experiente lutador

Mas de pouca agilidade
 Que sente o peso da idade
 Mas se bate com ardor.

Num molinete ligeiro
 Seguido de uma estocada
 Bento rasga, com a espada,
 O braço esquerdo de Onofre
 E notando que ele sofre
 O sangue rubro, correndo,
 Sentiu o pulso tremendo
 E o coração generoso
 Venceu o ódio, orgulhosos,
 Que a muito, vinha contendo.

Coronel Onofre Pires!
 Eu me dou por satisfeito
 E sinto-me no direito
 De suspender a contenda
 Não há honra que se venda
 Para um homem de respeito
 E o sangue, é o único jeito,
 De se lavar uma ofensa
 Tirando-se a diferença
 Num combate, peito a peito.

O mundo é muito pequeno,
 Para nos dois, General,
 Nossa duelo é desigual
 Mas não me dou por vencido
 E já considero esquecido
 O que acabo de escutar
 Continuamos a lutar
 Reiniciamos o combate
 Pois um macho se bate
 Só a morte pode parar.

Rasgando a camisa ao meio
 Improvisou a atadura
 E foi tão nobre a figura
 Que nos enche os olhos d'água
 Pois vencendo sua mágoa
 O presidente Farrapo
 Enrolou aquele trapo
 No braço do contendor
 Que mastigava sua dor
 Como quem sabe ser guapo.

De novo trançaram ferro
 E a decisão não tardou
 Bento Gonçalves armou

A última arremetida
 Em atuação decidida
 Armou o bote final
 Uma estocada infernal
 Mordida de cascavel
 Que varou o coronel
 Numa posição fatal.

Não ficou ali, o Onofre,
 Como talvez, o quisesse,
 Sem uma vela, uma prece,
 No lombo de uma coxilha
 Boleando na dura trilha
 Do destino que escondeu
 Não foi assim que morreu
 Mas contorcido nas dores
 Nos pesadelos e horrores
 Da infecção que sofreu.

Era David Canabarro
 O farrapo comandante
 O General o gigante
 Que comandou uma aliança
 Numa frase que não cançã
 De vir a nossa memória
 Simbolizando na história
 De quem amou sua terra
 Guardando o tino na guerra
 Para nossa maior gloria.

Bento Gonçalves entrou
 Na tenda do General
 E num gesto sem igual
 Dado o posto que ocupava
 Disse a David, que olhava,
 A cena com emoção.
 Feri a pouco, um irmão
 Eis aqui a minha espada
 Minha honra foi lavada
 De frente, sem traição.

Somente conheço um homem
 Para portar essa espada
 Guarde a lâmina sagrada
 Que nos guia na vitória
 E David botou na história
 Com essa frase final
 Da presilha sem igual
 De um duelo legendário
 Que nos guarda em relicário
 A tradição.